

Da recusa ao pessimismo à linha de fuga

From the refusal of pessimism to the line of flight

ALISSON JUAN MARCONDES DOS SANTOS¹

Resumo: Este trabalho parte da recusa ao pessimismo imobilizante presente em muitas análises críticas do capitalismo, para pensar, com Deleuze e Guattari, alternativas políticas através das linhas de fuga. Utilizo o volume III de *Mil Platôs* para discutir segmentaridade e micropolítica e o volume V para analisar a axiomática capitalista, mostrando como os fluxos de resistência escapam ao controle pretensamente absoluto. Concluo que, mesmo sob regulação estatal, a potência molecular e cotidiana desestabiliza fundamentos sociais e contribui para a transformação da desesperança fatalista em máquinas revolucionárias. O desafio é não serem tomadas pelo fatalismo do “fim do mundo”, mas encontrar a produtividade da diferenciação no movimento imanente de criação — ainda que precário — de novos mundos.

Palavras-chaves: Deleuze & Guattari; Linha de fuga; pessimismo.

Abstract: This work begins by rejecting the paralyzing pessimism found in many critical analyses of capitalism, in order to think, with Deleuze and Guattari, about political alternatives through lines of flight. I draw on Volume III of *A Thousand Plateaus* to discuss segmentarity and micropolitics, and on Volume V to analyze the capitalist axiomatic, showing how flows of resistance escape supposedly absolute control. I conclude that, even under state regulation, molecular and everyday power destabilizes social foundations and contributes to the transformation of fatalistic hopelessness into revolutionary machines. The challenge lies in not being overtaken by the fatalism of the 'end of the world,' but in finding the productivity of differentiation within the immanent movement of creation — however precarious — of new worlds.

Keywords: Deleuze & Guattari; Lines of Flight; pessimism.

Introdução

Esse trabalho nasce de um contínuo e mobilizante incômodo frente a sensação de impotência e paralisia causada por muitos pessimismos teóricos que comumente conservam a desesperança no cotidiano em nome de práticas, que julgo fatalistas e desarticuladoras sobre nossas experiências. É claro que a “sobriedade intelectual” apocalíptica que analisa friamente os avanços capitalistas na direção do precipício, conta com uma reconhecível e inegável condição: a constatação apavorante da circunstância em que nos metemos. Mas, sua acuidade

¹ Graduado em Psicologia pela Faculdade Anhanguera de São José dos Campos (2018) através do Programa PROUNI. Concluinte do curso de graduação em Filosofia na UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo) e mestrando no PPGF da mesma universidade. Atua como psicólogo no Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) da cidade de Jacareí. E-mail: alissonjuanms@hotmail.com

desoladora nos relega outro efeito para além do diagnóstico: o tratamento paliativo da falta de alternativa.

Se existe uma regulação absoluta do estado, ou do capitalismo, sobre os processos de subjetivação, de modo que as relações de mercado dissolvam a dimensão interna, dominam o desejo, eliminam o poder subversivo da imaginação, mercadorizam a utopia, vendendo tudo como se tudo fizesse parte do mesmo sistema, sem alternativas reais de negação (MARCUSE, 1973, p.42), o que sobraria de nós, enquanto engrenagens feitas de carne? Se a racionalidade de mercado, apresentada como inevitável e cientificamente administrada, cria a ilusão de um mundo previsível e controlável, reforçando a crença na eficiência, na experiência imediata e na ideia lacunar de progresso (CHAUÍ, 2008, p.97), como poderia o discurso competente e agudo dos teóricos do fim do mundo pretender não empurrar as pessoas do precipício?

Em uma sociedade de muitos CIDs², não se trata aqui de negar o significado ou a relevância dos diagnósticos. Na verdade, o que faço é rejeitar o uso frio e triste das letras como engrenagem motor da esteira para o buraco. Em outras palavras, não pretendo criticar um laudo terminal particular, nem mesmo generalizado, dos teóricos ou das teorias pessimistas. O que faço é rejeitar, de antemão, o segundo efeito acima exposto, o tratamento paliativo imobilizador pela falta de alternativa.

Na guerra diária pela vida, travada por quase todos nós em quase todos os espaços, eu diria ao reproduzir a canção de Flaira Ferro, que “o meu revólver/é um estado de espírito/e o pessimismo/ é luxo de quem tem dinheiro/a covardia/impera sobre a ignorância/mas a esperança/ é substância para mudar/mudar as coisas de lugar”. E por isso me mobilizo a perguntar: se é de fato ingênuo e prematuro, optar por engajamento no lugar de imobilização? Se é realmente inócuo o horizonte utópico da esperança? E sobre qual efeito um movimento tem, ou pode ter, quando rejeita a crueza do seu fim fatalista?

Com essas dúvidas, incômodos, esperanças e fantasmas, eu busco aqui apresentar uma espécie de percurso com o qual Deleuze e Guattari me

² Classificação Internacional de Doenças (CID).

ofereceram uma alternativa, provocativa e, até otimista, para se pensar o trabalho cotidiano de linha de fuga. Para isso, trago duas seções: a primeira, para melhor apresentar como o contato com os autores foi desarmando o pessimismo, que também se organiza e se instala em mim, a partir da imagem reproduzida a ritmo industrial do todopoderosismo do estado moderno sobre tudo e todos. Utilizo em geral o volume III de Mil Platôs naquela discussão sobre a segmentaridade e a micropolítica. Posteriormente, adiciono a proposição XIV do volume V, como fundamental para se pensar um exemplo cotidiano que envolve a axiomática capitalista e as rotas de fuga que não se submetem a captura absoluta idealizada por teorias pessimistas.

O pessimismo imobilizador e a linha de fuga

Em meados da primeira metade do século XX, o capitalismo começava a passar por uma mudança significativa nos processos de produção. Sua face estava cada vez mais tecnocrática e científica avançando no terreno das relações globais. Em 1931, Aldous Huxley lança sua obra *Admirável mundo novo*, fazendo um diagnóstico da sociedade hiperracional e cientificada. A ‘Nova Ordem Mundial’ regida pelo lema *Comunidade, Identidade e Estabilidade*, organizava o universo em castas, cada indivíduo inteiramente alinhado com seu lugar, submetido ao condicionamento behaviorista e a procedimentos científicos desde sua concepção, que não sendo ‘vivípara’, acontecia por via da fecundação Bokanovskiana e de processos de decantação dos embriões. Tudo estrita e rigidamente no seu devido lugar como deveria ser.

O rosto daquela sociedade, desenhado por Huxley em sua ficção, poderia ser a expressão perfeita do estado se se pudesse alcançar a imposição absoluta de sua própria segmentaridade. Mas, não é o caso. Deleuze e Guattari se esforçaram para apontar que os segmentos que constituem nossa sociedade, organizando a vida humana, não o fazem de maneira estática, isolada ou totalmente controlada (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.76). Há sempre uma interconexão de segmentos em diferentes formas e que podem, também, desdobrar nas inesperadas linhas de fuga.

Mas partindo do começo, a segmentaridade é a maneira pela qual a sociedade busca organizar e regular os fluxos de vida. Deleuze e Guattari explicam que todo o vivido é segmentarizado espacial e socialmente. Essa forma de organizar a vida, pode se apresentar como binária (grandes oposições duais), circular (círculos ou coroas cada vez mais amplos) ou linearmente (sequência de ‘episódios’ ou processos). No entanto, elas não operam de modo separado, mas sim se interpenetram e se transformam continuamente.

As sociedades de estado moderno também são organizadas por esses segmentos. O estado não apenas mantém como tenta impor sua própria segmentaridade. Por mais que seja, naquele sentido global, unificado e unificante, o estado é formado por subsistemas justapostos que são segmentados, seja a partir da tecnocracia, da burocracia, ou ainda, da hierarquia. Por esse motivo, se se pudesse, na forma como Huxley inventa em sua obra, o estado destituiria as demais segmentaridades e impor a sua, na fantasia, científica e behavioristamente.

Essa impressão, de imposição e de inflexibilidade, trabalhada pelo romancista também não foi trazida ao acaso. No volume cinco do *Mil Platôs* fica evidente uma distinção entre uma segmentaridade primitiva e flexível e outra segmentaridade moderna e dura. Nesse caso, parece-nos que é possível afirmar que na situação do estado moderno, não há o desaparecimento, mas o endurecimento da segmentaridade. Ela se torna rígida, mais intensa e se adapta às diferentes formas de organização social. Ou seja, os segmentos binários se tornam ‘autossuficientes’, os segmentos circulares se tornam concêntricos e hierarquizados, em que todos os centros ressoam em um único ponto, fazendo o estado como uma ‘caixa de ressonância’ organizando o poder e, por fim, o segmento linear que é como um mecanismo de padronização e controle, que vai tentar traduzir e equalizar as diferenças, como um ‘denominador comum’, buscando a estabilidade do sistema político e social (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.79-81).

Com isso, estamos analisando o movimento do estado moderno de regulação e controle, e assim, parece interessante trazer a diferenciação feita pelos autores no que se refere às *máquinas de rosto* como um centro de

significação, uma vez que, na segmentaridade circular todos os centros ressoam em um único ponto, criando um macro-rosto (o rosto do pai, do professor, do patrão) que se redonda organizando e centralizando a autoridade e o poder, “cujo centro está por toda parte e a circunferência em parte alguma” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.80). Assim, as máquinas de Rosto no estado moderno vêm substituir as máquinas de cabeça das sociedades primitivas. Essas como sistemas de diferenciação que produziam identidades mais fluídas são trocadas por identidades rígidas e fixas. Há com isso, a explicitação de modos distintos de funcionamento que operam nos fluxos de vida da sociedade.

Contudo, seria um erro acreditar na oposição entre a flexibilidade de uma e a rigidez de outra. Existe, como de costume em Deleuze e Guattari, a coexistência interpenetrante dos dois modos de segmentaridade. Assim, podemos concluir que a segmentaridade dura, sendo rígida, centralizada e sobrecodificada, pois opera impondo novas camadas em um fluxo já codificado, se mesclam com a segmentaridade flexível, que é dinâmica, multiplicativa e adaptável. A primeira associada a ideia de Árvore que é princípio de dicotomia, é eixo de rotação que assegura a concentricidade e também é estrutura que esquadrinha o possível. Enquanto a segunda, se liga ao modelo rizomático, que seria um sistema de crescimento horizontal, descentralizado e sem um centro de comando único. Fica evidente que, tanto a arborescência quanto o esquema rizomático, operam, ao mesmo tempo, naqueles três modos de segmentaridade (binário, circular e linear), embora cada modelo realiza suas operações a sua maneira, uma endurecendo tais segmentos e a outra, senão negando-os, multiplicando suas expressões.

Desse modo, se não se trata de opor rigidez à flexibilidade, arborescência ao rizomático, nem do estado moderno à sociedade primitiva, Deleuze e Guattari propõem ainda, outra distinção que atravessa, ao mesmo tempo, toda sociedade e indivíduo, a segmentaridade molar e molecular. No entanto, é interessante reproduzir:

Se elas se distinguem, é porque não têm os mesmos termos, nem as mesmas correlações, nem a mesma natureza, nem o mesmo tipo de multiplicidade. Mas, se são inseparáveis, é porque

coexistem, passam uma para a outra, segundo diferentes figuras como nos primitivos ou em nós - mas sempre uma pressupondo a outra. Em suma, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.83)

A partir dessa citação, é possível associarmos à segmentaridade molar e à macropolítica, uma espécie de rigidez. Considerando sempre a coexistência nessas operações da flexibilidade. Ao mesmo tempo, associamos à segmentaridade molecular e à micropolítica, o teor flexível. Também cientes de que existe, inevitavelmente, a concomitância das operações rígidas em seus funcionamentos. Desse modo, como afirma Deleuze e Guattari, tudo é político, ao passo que toda política é composta por todas essas segmentaridades, seus modos, operações, características e por assim vai.

O que os autores destacam, com grande relevância, é que, por exemplo, ao considerarmos os conjuntos do tipo percepção e sentimento, a segmentaridade dura, molar, por mais que organize tais conjuntos, não é capaz de impedir todo “um mundo de microperceptos inconscientes, de afectos inconscientes, de segmentações finas, que não captam ou não sentem as mesmas coisas (...)” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.83), em resumo, que operam de uma outra forma. Uma forma molecular, micropoliticamente organizada e experimentada.

E, para nosso objetivo, essa forma de funcionamento nos parece tão potente quanto perigosa. Se consideramos na micropolítica, a forma arborescente da segmentaridade, como sistemas de poder que atuam minuciosamente na vida cotidiana, através dos protocolos, das regras e das instituições, percebemos que há uma tendência do estado moderno, aliado ao capitalismo tecnocrático e burocrático, em hierarquizar e moldar os processos de subjetividade a partir de modos endurecidos. Isso significa que há um esforço de enrijecimento da vida, de silenciamento da multiplicidade, de imobilização dos fluxos, por fim, de controle totalizante dos dominantes sobre todo o resto.

Ao passo, que o entendimento da política como interpenetração coexistente de formas molares e moleculares de segmentaridades, também resguarda uma potência imperativa. Por mais que o anseio do estado moderno seja impor sua segmentaridade molar e endurecida, a política é também molecular, portanto, há

uma inescapabilidade micropolítica de fluxos que não se desvanecem com o poder dominante que se impõe. Daí que talvez o esquema rizomático, escapando das formas de controle fixas, faz na multiplicidade e na fluidez, uma série de conexões imprevisíveis.

Ora, até aqui, poderíamos já abandonar a expectativa que nos trazia Aldous Huxley de um mundo totalmente controlável pelo domínio tecnocrático e científico. Embora, obviamente, o autor, na própria ficção, já admitia as linhas de fuga. Um erro na ‘contagem de álcool’ enquanto ainda estaria no bocal de decantação, foi suficiente para fazer a personagem Bernard se tornar um ‘esquisito’ (HUXLEY, 2001, p.80). Ter vontade de avançar em direção oposta às imposições sociais, vontade de viver e sentir por si mesmo. Outro exemplo é do amigo de Bernard, Sr. Helmholtz Watson, quem durante uma conversa sobre seu ofício de escritor e professor afirmava:

“O que faço, de certo modo, não é bastante importante. Sinto que poderia fazer coisas bem mais importantes. Sim, e mais intensas, mais violentas. Mas o que? O que é que há de mais importante para dizer? E como é possível dizer algo violento sobre assuntos do gênero que se é forçado a tratar? As palavras podem ser como os raios x, se usarmos adequadamente: penetram em tudo (...)” (HUXLEY, 2001, p.104)

140

A angústia de ambas as personagens – mas de modo ainda mais interessante nas reflexões de Watson – traduz um pouco do desconforto que me causa o pessimismo quando impõe à vida social uma imobilização, uma descrença de que as coisas não podem melhorar, de que a sociedade não pode ser transformada e, cabe a cada um, apenas nossas próprias lutas, solitárias e endurecidas. Mas, o que os filósofos propõem, ao meu entendimento, é que há desejo. É que existe uma potência ‘violenta’ que busca vida. Por todos os cantos, ali e aqui. Depara-se com as restrições, os protocolos, os ‘gêneros predeterminados aos quais se deve forçadamente tratar’ em cada lugar, em cada posição da hierarquia, que afaga, tentando silenciar toda e qualquer pulsão daquilo que é próprio, múltiplo e indecível. Mas o controle totalizante do micropolítico, dos afetos inconscientes, das percepções inconscientes, da vontade de ter vontade, não é inteiramente possível de se realizar.

Mark Fisher sintetiza o movimento, que buscamos aqui apresentar, de desmontar o pessimismo imobilizante, quando ele diz:

Se realismo capitalista é tão fluido, e se as formas atuais de resistência são tão desesperançosas e impotentes, de onde poderia vir um desafio efetivo? Uma crítica moral ao capitalismo, enfatizando as maneiras pelas quais ele gera miséria e dor, apenas reforça o realismo capitalista. Pobreza, fome e guerra podem ser apresentadas como aspectos incontornáveis da realidade, ao passo que a esperança de um dia eliminar tais formas de sofrimento pode ser facilmente representada como mero utopismo ingênuo. O realismo capitalista só pode ser ameaçado se for de alguma forma exposto como inconsistente ou insustentável, ou seja, mostrando que o ostensivo “realismo” do “capitalismo” na verdade não tem nada de realista (FISHER, 2020, p.28-29).

Por isso, afirmei que é tão perigoso quanto potente. Diariamente, envolto pelas segmentaridades que impõe, pelo poder, uma totalização e sua reprodução pela micropolítica. Ao passo que todos os dias, linhas de fuga como movimentos e processos que escapam ao controle, ao endurecimento e às lógicas dominantes, também se põem e se recompõem na organização social (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.86). Essas fugas, não apenas são afrontamentos, no sentido de uma negação ou rejeição do sistema, mas constituem a transformação, a inventividade e a criação de novas possibilidades de existência. Segundo Deleuze e Guattari, do ponto de vista da micropolítica, a sociedade se define por essas linhas de fuga que são moleculares, que se presentificam no jovem, nas mulheres, nos loucos e etc.

141

A axiomática capitalista e a condição marginal do cotidiano

Nesse sentido, acredito que podemos rejeitar a ideia de que a política funciona de forma determinística e previsível (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.142). Ela se organiza, na verdade, muito mais pelas incertezas e pelos acasos. E, com essa compreensão, olhamos com desconfiança para a totalização imposta pelo estado moderno, para a sobrecodificação molar dos processos subjetivos moleculares, para a sensação de controle absoluto e subjugação completa ao modo de vida capitalista, pois a crença que, sustentava essas afirmações todas,

teve como contrapartida o esclarecimento de que as linhas de fuga se interpenetram e coexistem com tais segmentaridades enrijecidas.

Essas linhas são intermináveis, surgem e atuam esquivando a todo momento das capturas de controle do estado, ao passo que escorregam e se endurecem, mas se reanimam e resvalam de novo para fora do padrão, avivando uma noção de que o estado moderno funciona a partir da gestão desses movimentos e dessas crises. Assim, não me parece correto acreditar que o pessimismo ainda tenha toda aquela carga imobilizadora. Se o funcionamento das disputas políticas recai nas crises provocadas pelas linhas de fuga, há então, claramente uma condição bastante móvel de resistência, de luta e de transformação da sociedade ao nível molecular. E, se toda política é micro e macropolítica, portanto, molar e molecular, estando interpenetradas, coexistindo uma com a outra e uma na outra, as transformações moleculares, de algum modo, ‘ressoam’ nas transformações molares.

Desse maneira, passamos a pensar agora em como essa política opera, para tentarmos alcançar alguma reflexão mais particular acerca das linhas de fuga cotidianas e como elas modificam a sociedade. Para isso, acompanharemos Deleuze e Guattari quando eles aproximam a política da axiomática. Essa entendida como sistema formal que estabelece regras de funcionamento independentes entre si, não como leis transcendentais, mas como ajustes locais que podem ser adicionados ou subtraídos a partir das exigências impostas por aqueles fluxos incontrolláveis pelo estado. Ou seja, a política capitalista funcionando de modo axiomático precisa operar se mantendo em contínua realização de ajustes.

Essa tendência de adicionar novos axiomas ocorre para se capturar e regular os fluxos. Indica a tentativa de absorvê-los e normalizá-los, criando novas regras, sem precisar modificar o jogo como um todo. Mas, ao passo que se incorpora fluxos para melhor regulá-los, ocorre também a subtração de axiomas, que deixam certos fluxos sem regulação. Assim, o que se vê é uma gestão dinâmica dos fluxos em que a axiomática acaba por se deparar, constantemente, com seus próprios limites.

Em um esforço de delimitação, poderíamos emprestar as palavras de Maurizio Lazzarato, quando expõem o conceito de servidão maquínica enquanto controle e regulação específica do capitalismo neoliberal, ou pós-industrial. Tal forma de controlar e regular acabam por penetrar os modos de subjetivação, mas, não são absolutos. Ora, a existência de uma regulação constante da axiomática capitalista, pressupõe sua desregulação constante, e isto é do nosso interesse. Lazzarato expõe sobre o conceito:

Na servidão maquínica, o indivíduo (...) é considerado uma engrenagem, uma roda dentada, uma parte componente do agenciamento “empresa”, do agenciamento “sistema financeiro”, do agenciamento mídia, do agenciamento “Estado de bem-estar social” e de seus “equipamentos coletivos” (escolas, hospitais, museus, teatros, televisão, internet etc). (...) A servidão é o modo de controle e regulação (governo) de uma máquina social ou técnica, como uma fábrica, uma empresa ou um sistema de comunicações. Ela recoloca a “servidão humana” dos antigos sistemas imperiais (egípcio, chinês etc), e por conseguinte é um modo de comando, de regulação e de governo “assistido” pela tecnologia, constituindo, como tal, uma especificidade do capitalismo. (LAZZARATO, 2014, p.28-29)

143

Daí, trago um exemplo para pensarmos os ajustamentos na axiomática capitalista como parte, engrenagem, dos agenciamentos os quais compomos cotidianamente de forma dinâmica e provisória. Assim, dentre as instituições públicas da política de assistência social, temos uma unidade de atendimento chamada CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social). Este equipamento oferta o *serviço de proteção social a adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida e de prestação de serviço à comunidade*, que atende adolescentes e jovens que cometeram ato infracional e receberam, como sentença, a medida socioeducativa³ (BRASIL, 2009). A lei do SINASE (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo) que regula todas as tipologias de medidas, afirma, para o efetivo cumprimento delas, a necessidade de se frequentar a escola, corroborando com o Estado da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2012; 1990). Assim, entendo que a princípio, temos normativas (axiomas) que enrijecem a instituição escolar como segmento

³ Para esse exemplo vou me ater à questão da liberdade assistida.

necessário à vida do adolescente. Mas, no cotidiano, observa-se que a escola apresenta dificuldades profundas em ser interessante. Assim, apenas o axioma enquanto obrigação legal dos adolescentes e dos responsáveis, não é capaz de garantir sua permanência naquele espaço.

O fluxo de evasão é grande, e quanto mais próximo dos dezoito anos, maior a intensidade dele. Então, ocorrem outras estratégias governamentais que buscam regular a frequência escolar. O *Programa Bolsa Família* apresenta, por exemplo, o que chamamos de *condicionalidades*, ou seja, uma espécie de contrapartida em que é preciso cumprir necessariamente com a quantidade mínima de frequência escolar das crianças e adolescentes do núcleo familiar cadastrado (BRASIL, 2004). Do contrário, a família não terá acesso ao dinheiro. Nesse ponto, talvez, se eu não estiver me enganando, há uma tentativa de absorção, de regulação, que modifica o axioma, que cria uma nova regra para tentar capturar aquele fluxo. Portanto, agora temos dois axiomas diferentes que atuam semelhantemente na tentativa de normalização do fluxo de evasão.

Desse modo, podemos considerar alguns aspectos que se desdobram da condicionalidade do Bolsa Família. O primeiro é que o CREAS que atende o adolescente em cumprimento de medida socioeducativa pode propor o que é chamado de *interrupção temporária da condicionalidade*. Essa ação significa que apesar da não frequência mínima do adolescente na escola, geralmente no prazo dos próximos seis meses, previne-se que a família seja penalizada e perca o dinheiro para sua sobrevivência. Contudo, há uma exigência como contrapartida. O núcleo familiar que é acompanhado por aquele equipamento precisa justificar essa ausência e se vincular ao serviço da política de assistência social como forma de aprimorar as estratégias para o cumprimento da medida socioeducativa, através da tentativa de retorno do adolescente para a escola.

Em outras palavras, o que ocorre em via de regra é que o adolescente continuará fora da instituição, porque para ele, entre outros motivos, a instituição não faz sentido, porque a escola é verbosa e palavresca (FREIRE, 1959, p.10), porque não tem professores suficientes, ou porque a progressão automática, que não identifica os déficits de aprendizagem já prejudicaram de forma intensa sua socialização e seus interesses educacionais. Ora, o que estamos dizendo é que

a estrutura escolar se mantém relativamente inalterada, mas, por outro lado, a tentativa de captura que era realizada com o adolescente por vias legais, agora é transferida e feita na forma da regulação e do controle da família. Esta, então, deverá se submeter ao atendimento da política de assistência social e, com o CREAS convencer o adolescente a retornar para a escola, ou, no pior das hipóteses, não receberá o valor do auxílio depois do prazo da interrupção temporária.

Claro que se tem muitas discussões sobre todos esses procedimentos, inclusive linhas de fuga por parte dos técnicos que acompanham essas famílias e das escolas, quando compreendem a esteira enrijecida das políticas públicas e dos setores do judiciário. Mas o estado não espera, ele põe em operação outras estratégias quanto a tentativa de reter o fluxo de evasão escolar. Poderíamos apontar como outro exemplo da tentativa de captura, a execução do *Programa Pé de Meia*. Nele, os adolescentes que estiverem cadastrados na plataforma governamental, possuírem um CPF e estiverem matriculados e frequentando adequadamente as aulas escolares, recebem no formato de conta poupança, uma valor determinado que fica alocado em seu nome, não mais vinculado ao seu núcleo familiar, é, portanto, um dinheiro veiculado diretamente para o adolescente (BRASIL, 2024). Ora, parece um terceiro axioma, relativamente independente dos outros dois, mas que tentam, em conjunto, afagar o fluxo de evasão.

Todas essas formas de regulação, esses axiomas que buscam enrijecer a vida dos adolescentes e suas famílias recebem diariamente boa dose de “rebeldia” molecular. Combinados e negociações, abandono da escola, atos infracionais, participação em programas culturais, inserção em outros programas profissionalizantes, retorno a escola, atividades em serviços públicos e outras infinitudes de respostas criativas, inventivas e de linha de fuga, são todos os dias apresentadas por essas famílias e seus adolescentes e muitas vezes são lidas como “estratégias de sobrevivência”. Apesar do termo ser comumente utilizado na prática na política de assistência social, sempre relacionado à capacidade ou a incapacidade do núcleo familiar de exercer suas funções protetivas, seja utilizando os recursos estatais, seja por maneiras alternativas que fogem do fluxo

de regulação e controle (CAMPOS; MIOTO, 2009, p.182) –, há camadas complexas que exigem cuidado para não cairmos no teor judicativo dessas estratégias – que, em última instância, resultaria num enrijecimento pessimista – e, por isso, nós não as consideramos apenas meios ou utilização de recursos para sobrevivência, mas sim, expressões de linhas de fuga, mesmo que precariamente – embora nem sempre precárias – de se criar novos mundos, novos modos de subjetivação e novos fluxos livres.

O que acreditamos é que “quanto mais os fluxos descodificados entram numa axiomática central, mais eles tendem a escapar para a periferia e a colocar problemas que a axiomática é incapaz de resolver ou de controlar” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.151), ou seja, aquela multiplicidade de respostas pode ser compreendida enquanto fluxo de vida, criativo e desregulador, diante dos problemas urbanos, e, principalmente, enquanto potência do cotidiano que, senão conservada na radicalidade de seu gesto subversivo, acaba por ser muitas vezes atropelada pelas imposições molares e moleculares do capitalismo, desencorajando, imobilizando e entristecendo as diversas maneiras de se responder ao controle e a rigidez.

Bem, acredito que agora seja possível afirmar uma certa gestão dinâmica dos fluxos que caracterizam o modelo da política capitalista. Sua axiomática se depara constantemente com seus próprios limites, mas se adequa criando novos axiomas para capturar os fluxos incontroláveis que, como consequência, também vai apresentando alternativas e estratégias para se furta do controle e da dominação.

A pressão que os fluxos vivos exercem sobre a axiomática, dentro do contexto de disputa política, pode se desdobrar ou nas reduções totalitárias, em que o sistema tenta conter os fluxos por meio de medidas autoritárias, ou por adjunções social-democratas, em que há o processo de expansão dos axiomas para se integrar novos fluxos (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.146). De modo geral, o que acontece é a ocorrência conjunta e coexistente desses novos conceitos. Continuarei com o exemplo anterior. Aquele adolescente que está cumprindo medida socioeducativa, pelo motivo de ter cometido algum ato infracional, estando sob a mira da lei, ao não cumprir suas *metas*, portanto, ao

não retornar a escola, poderá receber sanções do judiciário que vão desde advertência verbal, até uma internação nas instituições, hoje chamadas de Fundação Casa.

Esse exemplo, de reduções totalitárias é muito mais comum do que gostaríamos. Mas, talvez, possamos afirmar que o impedimento da família de receber o benefício em dinheiro mediante a ausência de frequência escolar, também pudesse ser incluída nesse mesmo caráter totalitário, principalmente, se fossemos analisar a condição de vida e a renda *per capita* das famílias beneficiárias – também não é nosso objetivo para este espaço. Assim, passamos a considerar as adjunções social-democratas, e com isso, acreditamos que tanto a alternativa via interrupção temporária de condicionalidade, quanto o Programa Pé de Meia, parecem operar apenas com aquelas famílias que são integráveis, ou seja, não vão dar conta de todo o conjunto de adolescentes evadidos ou em potencial de evasão, mas somente aqueles integráveis ao axioma, aqueles que encontram nesses axiomas alguma condição para retornar a escola.

Ora, as linhas de fuga, nesse sentido, não parecem em nada com esforços ou estratégias para manutenção de sobrevivência. Mas, na impossibilidade de integração dos não-integráveis, parece que é preciso “desfundamentar o fundamento social”, colapsar axiomas e desterritorializar os tecidos enrijecidos da sociedade. Assim, pensando com Yasmin Teixeira, compreendemos que tal movimento de recusa a gramática do sistema é potencial máquina revolucionária e:

o desafio de uma máquina revolucionária é criar novos corpos políticos e modos de produção econômica (que inclui, sempre, modos de vida e de subjetivação) a partir das singularidades sociais livres, sem tornar a destruição pura um fim em si mesmo e sem passar a investir nas instituições de poder existentes como meios de controle. Em outros termos, se trata de encontrar a produtividade da diferenciação em meio ao “fim de mundo” virtual inconsciente, de refazer-se corpo político através da experiência mesma da dissolução da ordem instaurada em dispositivos e instituições de poder (a destruição revolucionária contrasta, assim, com os fins de mundo bastante concretos e programados que a violência do capital engendra). (TEIXEIRA, 2024, p.124)

Por fim, se os limites do capitalismo se apresentam de forma imanente. Não nascem de fora para dentro, mas sim, brotam do seu interior e através dessas adjunções e reduções, dessa gestão de crises, vão adicionando e subtraindo axiomas, vão regulando e normalizando os fluxos. E, da mesma maneira, as linhas de fuga do cotidiano, também são imanentes, nascem das conexões moleculares, se interpenetram umas com as outras, multiplicam-se com vários elementos, as vezes caem na captura, enrijece, mas o fluxo continua, modifica e se aviva. Tratamos de pensar, portanto, as linhas de fugas como tentativas, como potenciais máquinas revolucionárias, enquanto singularidades sociais, encontram na multiplicidade, na diferenciação, a dissolução da ordem, não como uma destruição tendo o fim em si mesma, mas como ruptura e abertura para novos corpos políticos produzirem novas experiências políticas.

Considerações finais

Quando iniciei esse trabalho, apresentei meu desconforto acerca das perspectivas pessimistas paralisantes ao abordar as ideias de controle, regulação e impossibilidade de mobilização no contexto de capitalismo e do estado.

Com o desenvolvimento do texto, pretendi esclarecer como Deleuze e Guattari trabalham com a complexidade das relações sociais em concomitância a mobilidade trazida em suas descrições teóricas apontando para a potência dos fluxos e das linhas de fuga. A noção de política, enquanto micro e macropolítica de forma simultânea, se mostrou que pode funcionar perigosamente, no sentido de que há sim um esforço de imposição do estado, de captura do capitalismo e de subordinação dos modos de subjetivação. Mas, também revelou a forma molecular como maneira potencial de atuar sobre as linhas axiomáticas (molares) que buscam enrijecer e regular os fluxos de vida.

Desse modo, política é a composição e a disputa infundável de axiomas que buscam capturar e os fluxos que tentam se esquivar do controle. Política é, inegavelmente, movimento de forças. A canção de Flaira Ferro continua “uma cidade triste é fácil de ser corrompida/ uma cidade triste é fácil ser manipulada”. Uma política feita com uma posição pessimista, nesse sentido, parece para mim,

que só pode privilegiar aqueles que tem dinheiro, aqueles que dominam. Uma cidade perdida na tristeza do fatalismo, parece para mim, uma cidade que facilmente pode ser corrompida.

Por fim, não poderia me privar de constatar que o pessimismo é ardiloso. Terminamos este trabalho com questionamentos que nos apertam e continuam assombrando: mas e os condenados da terra? E os esfarrapados, os oprimidos? E os famintos? Como não ser triste? como não ser pessimista? como não ser corrompido com a fome e a indignidade? Como segurar a vela da esperança durante uma tempestade de fatalismo? Por mais que haja tendências que apontem para que nunca teremos as respostas, sinto que, se houver sensibilidade para o inaudível, talvez possamos encontrar algo que nos leve para algum lugar.

Referências

BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. *Lei nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004*. Cria o Programa Bolsa Família e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 12 jan. 2004.

BRASIL. *Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012*. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 19 jan. 2012.

BRASIL. *Lei nº 14.818, de 16 de janeiro de 2024*. Institui o Programa Pé-de-Meia. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 17 jan. 2024.

BRASIL. *Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome*. Tipificação nacional de serviços socioassistenciais. Brasília, DF: MDS, 2009.

CAMPOS, M. S.; MIOTO, R. C. T. *Política de Assistência Social e a posição da família na política social brasileira*. SER Social, Brasília, v. 12, 2009.

CHAUÍ, M. "A ideologia da competência". In: CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*. v. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

FERRO, F. *Revólver*. In: Virada na Jiraya [vídeo]. [S.l.]: Independente, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H3jv4Vlh844>>. Acesso em: 7 jun. 2025.

FISHER, M. *Capitalismo realista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* Tradução: Rodrigo Gonçalves; Jorge Adeodato; Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FREIRE, P. *Educação e atualidade brasileira*. Recife: Escola de Belas Artes de Pernambuco, 1959.

HUXLEY, A. *Admirável mundo novo*. 21. ed. São Paulo: Globo, 2001.

LAZZARATO, M. *Signos, máquinas, subjetividades*. 1. ed. São Paulo: Editora Sesc, 2014.

MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Tradução: Giasone Rebuá. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

TEIXEIRA, Y. O. A. *Mutações da guerra: gênese do regime de conflitualidade do capital financeiro-securitário*. Guarulhos, SP: Unifesp, 2024, 321 p. [Tese de doutorado]

Submissão: 24. 06. 2025 / Aceite: 12. 07. 2025